

O LAZER SUBMETIDO AOS CRITÉRIOS DO TEMPO DE TRABALHO E DA SOCIEDADE DE CONSUMO: ENTREVISTA COM WOLFGANG LEO MAAR

Valquíria Padilha¹

Wolfgang Leo Maar é professor de filosofia na UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), pesquisador do CNPq e autor de obras sobre o pensamento da Escola de Frankfurt.

Esta conversa com o professor Wolfgang aconteceu no dia 03 de dezembro de 2004, na sua sala, no Departamento de Filosofia da UFSCar, em São Carlos - SP. A idéia de realizar esta entrevista surgiu no processo de construção do vídeo documentário “Ócios do Ofício”², que foi produto da disciplina ACIEPE (Atividade Curricular de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão) Lazer em Debate oferecida por mim aos alunos de graduação desta universidade, no segundo semestre de 2004. Trechos desta entrevista – que foi filmada³ – aparecem neste vídeo documentário. No entanto, após ter transcrito toda nossa conversa, percebi que Wolfgang aborda questões muito interessantes e que enriquecem o debate crítico em torno do lazer, ainda recente em nosso país. Diante da impossibilidade de aproveitar todas as suas reflexões no vídeo documentário, surgiu a idéia de publicar a entrevista na íntegra.

Valquíria: Vamos começar pelo começo: o que é lazer?

Wolfgang: Para a gente pensar em lazer hoje em dia, tem que pensar no que não é lazer, a maior parte do nosso cotidiano. O lazer, então, é praticamente uma exceção dentro do mundo que é cada vez mais tomado pelas atividades de trabalho. Essa é a primeira consideração que nós temos de fazer sobre o lazer. A palavra lazer tem origem no latim (*licere*) e significa “o que é permitido, o que é lícito”, o que é permitido fazer fora do mundo que nos é prescrito. Eu acho que primeiro a gente tem que pensar no mundo que nos é prescrito para depois pensar no lazer. O mundo que nos é prescrito é o mundo do trabalho

1 Bolsista Recém-Doutor do CNPq junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na UFSCar (2003-2005). Doutora em Ciências Sociais pela UNICAMP (2002). Doutorado Sanduíche realizado na Université de Bourgogne, em Dijon, na França (2001). Mestre em Sociologia pela UNICAMP (1995). Especialista em Lazer pela UNICAMP (1992). Autora dos livros *Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito*, Campinas: Alínea (2000) e *Shopping Center: a catedral das mercadorias e do lazer reificado*, São Paulo: Hucitec (no prelo).

2 Este vídeo documentário foi uma idéia original de Valquíria Padilha e sua realização contou com o trabalho de dois monitores com bolsa de extensão dada pela Pró-Reitoria de Extensão da UFSCar: José de Andrade, do curso de Educação Física e Thiago Berto Nóbrega, do curso de Imagem e Som.

3 Agradeço ao aluno do curso de Imagem e Som, Thiago Berto Nóbrega, por ter realizado a filmagem e ao aluno de ciências sociais, Nilo Vianna Teixeira, por ter auxiliado na captação de som.

que ocupa praticamente a totalidade da nossa vida hoje em dia... e a tendência é que esta totalização até se amplie. Então, a questão do lazer, para mim, é uma das questões mais importantes hoje. Porque ela diz respeito ao quanto da nossa vida é inteiramente determinada pela nossa inserção no mundo da produção.

Valquíria: E quando há exclusão, quando a pessoa não se insere no mundo do trabalho, que é o que está acontecendo cada vez mais hoje com o desemprego que não pára de crescer?

Wolfgang: Essa situação é o grande paradoxo da nossa sociedade, porque mesmo quem é excluído da sociedade do trabalho está imerso no mundo do trabalho. Este é o grande problema. Existe um texto interessantíssimo de Marx (1973, p. 706) sobre isso. Ele diz que o capital é a contradição em processo. Por um lado, quer diminuir o peso do trabalho na produção, mediante as forças de produção técnica e, por outro lado, insiste em medir tudo pelo tempo do trabalho. Então, mesmo a pessoa que está desempregada, ela vive num mundo que é medido em termos de tempo de trabalho. Essa é a tragédia de nosso tempo, porque o desempregado não consegue fugir do tempo de trabalho, do peso da economia. Ele é quase completamente determinado pelo peso do trabalho. Essa é uma questão dramática para nós, principalmente no Brasil. Roberto Schwartz (1999, p. 259) tem uma expressão magistral sobre isso. Para ele, no Brasil, hoje, a maior parte da população é “sujeito monetário desprovido de dinheiro”. Mesmo sem dinheiro para gastar, nós temos sujeitos monetários, ou seja, são pessoas completamente imersas num mundo de consumo, de produção, de interesses econômicos, de padrões fiscais e contábeis. Então, a discussão do lazer no Brasil é extremamente importante. Porque você tem a exclusão de uma imensa parcela da população para a qual essa exclusão, porém, não significa tempo livre. Significa apenas a exclusão dos benefícios de uma sociedade centrada no consumo, na produção econômica.

Valquíria: Como é que você faria a discussão, então, da liberdade de consumo? E mais, existe liberdade no tempo livre, ou seja, existe tempo “verdadeiramente” livre?

Wolfgang: Existe, essa possibilidade. Na sua última entrevista, Celso Furtado (2004) tocou nessa questão: é preciso criar uma nova civilização que saia fora da civilização centrada no consumo. E ele tem toda razão. Agora, a questão é: como que o tempo livre pode se transformar em uma prática efetiva de liberdade? Essa é a questão central. E para que isso possa ocorrer, em primeiro lugar, é preciso tomar consciência de como o tempo livre, na verdade, não é livre dos critérios, dos padrões da sociedade de consumo, da sociedade regida pelo tempo de trabalho, regida pelo tempo fiscal. Então, o primeiro passo para que o tempo livre possa se converter em liberdade prática, por assim dizer,

é a noção da sujeição desse tempo livre aos critérios da sociedade de consumo. Não só ter conhecimento disso, mas ter condições de julgar isso, ou seja, ter uma avaliação crítica. A partir daí, poder utilizar esse tempo livre disponível em atividades que digam respeito à fruição da vida, à formação, à criação livre. Enfim, aquilo que normalmente a gente designa como vida mesmo, vida fora da atividade produtiva. Então, eu acho que é possível haver esse movimento em direção à uma sociedade centrada muito mais na fruição da vida, mas para que isso ocorra, em primeiro lugar, é preciso tomar consciência de quanto nós somos submersos nesse mundo regido pelo tempo de trabalho, pelo tempo de consumo, pelo tempo fiscal, para em seguida nos portarmos de maneira crítica em relação a isso e poder desenvolver atividades fora do interesse da acumulação. No fundo é isso. Agora, isso não é fácil. Isso é terrível porque o capital é um monstro para o qual todo o tempo disponível, todo o dia das pessoas é visto como uma jornada de trabalho. E por mais que se saiba que os homens não podem trabalhar 24 horas por dia porque eles precisam ter um tempo para descansar, o tempo para o capital, mesmo o tempo do descanso, continua sendo avaliado como um tempo de trabalho. Aqui fica considerado o tempo livre como apenas o tempo que a produção econômica capitalista reserva para a recuperação da força de trabalho dos trabalhadores. Então, é um tempo livre só para a recuperação das forças de trabalho. Não é tempo livre efetivo. Essa é a situação clássica que é descrita por Marx no oitavo capítulo De Capital que se chama "A jornada de trabalho", onde ele mostra muito bem essa questão: como a principal alteração, a alteração mais profunda provocada pela sociedade capitalista, nos homens, é a conversão da sua consciência de tempo. Tempo é vida, vida é tempo. Acontece que o tempo é capitalizado, é submetido a padrões meramente econômicos. Há uma reconstrução dos homens em termos de tempo de trabalho. Os homens se apreendem a si próprios enquanto trabalhadores. Então, por exemplo, se eles estão desempregados, eles são, em certo sentido, revoltados contra a situação de não exploração econômica deles. É uma situação paradoxal. Enfim, a questão do lazer é complexa mesmo...

Valquíria: Em que medida, na tua opinião, o lazer é importante para as pessoas?

Wolfgang: É lógico que o lazer é importante se nós soubermos avaliá-lo nestes termos: o lazer, quando é pautado por um tempo de trabalho, acaba sendo apenas recuperação das forças de trabalho. Nesse sentido, ele é importante para a reprodução da sociedade capitalista. Mas, como a gente viu antes, o lazer significa a possibilidade de que o tempo disponível possa ser convertido em uma prática livre das pessoas. Então, o lazer, enquanto tempo de não trabalho efetivamente realizado, oferece esta oportunidade de que os homens dediquem suas atividades à fruição da vida fora do trabalho. Mas isso não ocorre espontaneamente e não significa que o lazer, tal como ele é, tal como ele ocorre na sociedade de consumo, por si só,

significa essa possibilidade de fruição da vida. É preciso tomar esta precaução de fazer a crítica.

Valquíria: Você acha que o lazer é igual para todo mundo?

Wolfgang: O lazer, quando tem a ver com a reprodução de uma sociedade pautada no tempo de trabalho, ele procura evidentemente se pautar por uma certa uniformidade: são as férias, os descansos, feitos para haver uma quebra de tensões, uma recuperação das forças de trabalho. Para examinar isso nós temos recursos conceituais disponíveis excelentes, basta pensar no Adorno e seu conceito de indústria cultural. Nesse sentido, então, o lazer seria uma uniformização artificialmente produzida das pessoas que não escapariam das amarras de uma sociedade pautada no tempo de trabalho. A indústria cultural se encarrega de manter os homens e as mulheres no contexto do tempo de trabalho. Mas, se nós pensarmos no lazer como uma possibilidade de escapar do tempo de trabalho efetivamente realizado em que se possa praticar liberdade, um sentido de fruição da vida, aí evidentemente essa uniformização não se coloca. Seria diferente. E essa fruição da vida pode ocorrer das maneiras mais variadas, pode até ser um trabalho intelectual exaustivo, mas um trabalho criativo, não um trabalho economicamente apropriado, a ser apropriado pela acumulação. O Adorno responde a essa questão dessa maneira no seu texto Tempo livre. Ele diz: o meu hobbie é ler de maneira profunda textos filosóficos. Com isso, ele está mostrando que a fruição da vida passa inclusive por uma realização laboral formativa, mas que não é uma realização nos termos do trabalho assalariado a ser apropriado pelo capital.

Valquíria: As pessoas, de forma geral, afirmam, de uma forma ou de outra, que todo lazer é “bom” e que elas se sentem livres em seu tempo livre. Como é que você avaliaria isso?

Wolfgang: As pessoas não se dão conta de que aquilo que parece lazer a elas, na verdade, é apenas um tempo de descanso dado no âmbito de um mundo pautado pela exploração em termos do tempo de trabalho. Eu acho que esse é o primeiro aspecto: elas acham que qualquer tempo livre no seu trabalho imediato é um tempo livre. Elas não percebem como o mundo que as cerca, inclusive e sobretudo nos momentos em que não estão trabalhando diretamente, já é pautado também nos termos do trabalho. Essa seria uma primeira questão para elas perceberem. Porque, nesse sentido, o lazer é aquilo que é autorizado pelo poder instituído, que é lícito. Assim, se a gente tomar como critério a acumulação e não a fruição da vida, uma sociedade pautada no sentido econômico e não uma sociedade pautada no bem-estar dos homens, é óbvio que a gente não pode dizer que todo lazer é “bom”. Obviamente isso não é verdade. Essa é uma das chagas da modernidade, em que existe uma quase invisível uniformização do tempo, em termos de tempo

de trabalho, de tempo contábil, do critério do benefício econômico em detrimento de todos os outros critérios, também materiais, mas que dizem respeito ao pensar efetivo. Nesses termos, obviamente, não cabe a resposta de que todo lazer é “bom”. Mas isso não quer dizer que não haja lazer “bom”! Há lazer “bom” na medida em que ele for utilizado para se praticar a liberdade em relação a esse mundo pautado pelo tempo da economia.

Valquíria: Como isso seria possível hoje?

Wolfgang: Eu acho que, por exemplo, um padrão importante para nós será escapar dos ditames da sociedade de consumo de massas. Nós sabemos como a sociedade de consumo de massas avançou sobre a indústria do lazer. Eu acho que isso já pode ser um referencial para nós. O melhor lazer não é necessariamente a melhor viagem internacional ao preço do dólar mais “baratinho,” mas o melhor lazer pode ser aquilo que tenha a ver com a nossa melhor qualidade de vida. E não uma vida cercada por todos os lados pelas necessidades criadas pela sociedade de consumo.

Valquíria: A sociedade de consumo é, então, o “grande vilão” para o tempo livre e para o lazer?

Wolfgang: Retomemos um pouco ao início: pensar em lazer hoje já é pensar numa atividade que é fora da atividade normal que é nossa inserção no mundo produtivo. Então, o lazer já é visto sob a ótica de um tempo de não-trabalho. Mas, o que vale para o lazer, então, em termos de aparentar uma contradição no tempo de trabalho, não vale para a sociedade de consumo, porque a sociedade de consumo continua a nos cercar mesmo no período em que nós não estamos trabalhando. É a tal da contradição do capital. O capital nos cerca mesmo quando nós não estamos trabalhando. Então, eu diria que essa idéia de lazer, no sentido de ser apenas a recuperação das forças de trabalho, nasce com a sociedade de consumo. Não que um venha da outra, mas são ambos produtos dessa sociedade que avançou o tempo. A tragédia do nosso tempo é que o capitalismo avançou sobre o que restou da vida, que é o tempo. O tempo é medido em termos de tempo de trabalho. É preciso explicar: não se trata do tempo de trabalho direto, mas do tempo de trabalho usado sempre como padrão nosso. “Nisso eu fui mais eficiente, naquilo eu fui mais eficiente”; “eu vou avaliar as minhas férias em termos de quanto eu consegui fazer disso, quanto eu consegui fazer daquilo”; “que lembranças eu vou trazer, que filmes eu fiz” - eu estou tão imerso nos padrões da sociedade de consumo e isto é o que traduz a onipresença do tempo de trabalho, eu não consigo escapar.

Valquíria: Eu vou ler para você uma passagem curta do livro “O que é lazer”, de Luiz Otávio Lima Camargo, e pediria que você comentasse. Ele afirma o seguinte: “Os meios de comunicação de massa não isolam os indivíduos, ou melhor, o simples fato de pessoas da mesma família permanecerem mudas, por algum tempo, diante de um aparelho de televisão, não quer dizer que todas elas estão isoladas. De toda forma, esse isolamento nada teria a ver com a televisão. Se o aparelho não existisse, é provável que estas pessoas continuassem mudas, mas à distância. A dinâmica de isolamento social em algumas famílias, é explicável por outros fatores: o distanciamento de gerações, a busca de pessoas iguais e outros fatos que extrapolam o interesse desse livro. A televisão é, no máximo, um alibi para esta situação. Da mesma forma, não se pode dizer que a vida associativa está em declínio por causa da televisão. Se tomarmos o exemplo dos Estados Unidos, onde o fenômeno da indústria cultural explodiu com maior intensidade, pode-se ver como, a par da explosão dos meios de comunicação de massa, retificou-se um aprofundamento e uma diversificação de interesses associativos.” (CAMARGO, 1986. p. 30-31). O que você comentaria sobre isso?

Wolfgang: Bom, eu tenho uma leitura um pouquinho diferente. Eu penso que, no caso da indústria cultural – e aqui se refere ao problema da televisão – importante é que ela nos impõe um critério e este critério é o critério do tempo de trabalho. A coisa mais grave, quando nós assistimos televisão, é que nós passamos a dar importância àquelas coisas que nós assistimos. Nós conversamos com os outros a respeito daquelas coisas, e as coisas que são passadas para nós são coisas fora da esfera de fruição da nossa vida. Então, a quebra do nosso tempo e a criação de um outro tempo está sendo feita pela televisão. Essa é a grande questão. Não importa tanto o que é o assunto de uma novela; o que importa é que nós damos atenção a ela. E os personagens importantes da novela passam a ser importantes para nós; inclusive, são mediações de conversas nossas com os outros que também estão assistindo. Então, lentamente o nosso mundo passa a ser reconstruído pela novela, nós passamos a dar importância para certas questões que são vistas nas novelas e são comentadas por outros. E, lentamente, vivemos em um mundo que é um mundo reconstruído em termos da sociedade de consumo, de tempo de trabalho, da acumulação. Então, o efeito da indústria cultural é criar um novo mundo para nós, e nós vivemos neste novo mundo. Abandonamos o nosso mundo que é o mundo verdadeiro, que é onde as pessoas morrem de fome, morrem de doença. Deixamos de lado então a fruição da vida, deixamos de lado o tempo da vida pelo tempo de trabalho, pelo tempo fiscal, pelo tempo contábil, onde você vale mais por um outro critério que não tem a ver com o nosso tempo de vida. Agora, eu acho que as pessoas têm plenas condições de tomar consciência disso...

Valquíria: Como?

Wolfgang: Adorno, por exemplo, sempre imaginava a possibilidade de ensinar as pessoas a se relacionarem com os meios de comunicação de massa, a procurarem relacionar os valores que aparecem no mundo recriado pela indústria cultural com os valores de seu cotidiano. A impressão que eu tenho é que existe um limite de atuação possível para a indústria cultural, porque no fundo, os homens não são inteiramente redutíveis pela categoria mercadoria, porque eles vivem, eles morrem. Existe um hábito de sobrevivência e se as pessoas mantiverem visível para elas mesmas a diferença que há entre o seu mundo cotidiano – onde elas dão duro, onde elas têm dificuldades, onde existem pessoas doentes, onde as pessoas nascem, onde a vida é fruída, há amores, há guerras – com aquele mundo que lhes é apresentado, que é o mundo regido pelo tempo de trabalho – onde tudo se resolve em termos de tempo de trabalho, onde aparentemente eles são os sujeitos dos problemas que efetivamente subjagam e tornam impotentes, onde as dificuldades todas parecem poder ser resolvidas –; se eles mantiverem a consciência deste abismo que há entre esses dois mundos, um mundo em que existe a vida concreta deles e que estão cada vez mais sujeitados a esta pressão econômica e um outro mundo que é o mundo da fantasia em que aparentemente eles são sujeitos, eu acho que aí já está dado um passo importante para eles não serem levados de roldão inteiramente por este artifício da indústria cultural. Agora, eu tenho a impressão de que nós ainda estamos tocando num assunto fundamental que diz respeito à educação, à formação particularmente em um país como o Brasil. Nós temos muito pouca crítica em relação aos meios de comunicação de massa no Brasil. Precisaria haver muito mais. E talvez, inclusive, levar ao cotidiano escolar desde cedo essa presença enorme que é a comunicação de massa associada à televisão, ao rádio, à música, para que possa ser discutida como assunto. Precisa se converter em problema porque está em avançado processo de realização o fechamento do ciclo da indústria cultural, que é a indústria cultural se apresentar como sendo a própria realidade. Os *Reality Shows* são um pouco dos sintomas disso. A indústria cultural quer uma cópia feita para ser edulcorada, para apagar os problemas da realidade; para fazer com que as pessoas se sintam sujeitos; a indústria cultural produz uma realidade edulcorada – a realidade procura se firmar como sendo a realidade mesmo. A primeira coisa que precisa ser feita é mostrar exatamente esta diferença. Essa sim é uma tarefa fundamental da educação e isso não está sendo feito adequadamente.

Valquíria: Você acha que esse processo de conscientização e educação das pessoas mudaria o conteúdo da programação televisiva?

Wolfgang: Eu acho que sim, que mudaria sim. Eu acho que a questão é que a indústria cultural sacraliza a si mesma. Digamos que a televisão está, assim como o restante da arte – esta é a principal contribuição de Walter Benjamin –

em processo de dessacralização, ou seja, de vinculação à um mundo cotidiano dos homens. E a indústria cultural mitifica, ressacraliza criando um mundo que é artificial, um mundo ideologicamente construído em que os homens são retirados do cotidiano. Então, eu tenho a impressão de que, na medida em que houver consciência desses dois mundos, dessa sacralização, a televisão pode cumprir uma espécie de função artística, que a arte em termos de valorização da vida possa apresentar. Certamente ela mudaria sim. Ela seria reduzida ao verdadeiro papel da arte, no âmbito das atividades humanas. Uma arte que, além de expressar uma determinada situação, ofereceria para nós instrumentos para julgá-la; não só conhecê-la, mas julgá-la e ter critérios para se portar de maneira mais ou menos crítica em relação à realidade e, com isso, desenvolver esforços no sentido de transformar a realidade. A televisão poderia perfeitamente cumprir esta função, que é a função por excelência, da arte. Mas, para isso ocorrer, é preciso haver essa dessacralização. Acontece que a indústria cultural promove uma ressacralização da arte em uma época em que a arte está em processo de dessacralização no movimento de contra-corrente, um movimento que é motivado apenas pela acumulação econômica, que precisa dessa reconstrução do mundo como um mundo de tempo de trabalho. E isso é feito pela indústria cultural.

Valquíria: Vou ler um trecho das “Diretrizes Gerais de Ação do SESC”⁴ e pediria que você comentasse. “O SESC identifica o lazer como um dos contextos importantes para desenvolver sua ação programática. Além de possibilitar o atendimento de grandes contingentes de sua clientela, a entidade reconhece a importância do lazer para liberar o indivíduo da fadiga resultante de suas obrigações, notadamente as do trabalho, como também ajudar o indivíduo a suportar os efeitos da disciplina e das imposições obrigatórias, buscando ainda o desenvolvimento de sua personalidade, na medida em que o libera dos condicionamentos que o automatizam. (...) Observa-se uma tendência à substituição do valor do trabalho e do valor do lazer, situação decorrente da constatação de que o trabalho, para a quase totalidade dos indivíduos, pouco oferece em termos de perspectivas de realização pessoal. Em contrapartida, a industrialização do lazer, ao transformá-lo em objeto de consumo, sobrepõe à sua função primordial uma outra, qual seja, a da promoção social pela simbolização de prestígio e status,. Nesse sentido, o lazer visto como objeto de consumo torna-se um fim em si mesmo, prevalecendo o mais ter sobre o mais ser, caracterizando-se assim como um antilazer, atividade empreendida compulsivamente com um mínimo de autonomia pessoal, que impede a auto-realização e autenticidade individual.”

Wolfgang: Olha, eu comentaria rapidamente que o texto procura dar conta de que a oposição entre lazer e trabalho não é uma contraposição tão simples assim e que, em parte, o trabalho continua reinando no mundo do lazer. Essa é a questão

⁴ Serviço Social do Comércio.

básica aqui nessa nossa conversa. Por outro lado, o texto é contraditório porque procura valorizar elementos do que eu chamo de fruição da vida, de uma atividade autônoma. Mas, a questão não é a minha opinião suficientemente esclarecida no texto. Talvez, essa seja uma melhoria possível em relação a este texto: esclarecer como a atividade de lazer, pode significar uma atividade libertária de fruição da vida, da autonomia, de libertação das imposições do mundo do trabalho e como essa atividade se diferencia de um lazer entendido meramente sob a ótica da sociedade de consumo. A coisa não é simples. Não é simplesmente uma atividade de lazer desprendida de atividades de consumo diretas, mas uma atividade de lazer que, num sentido mais profundo, precisa se desvencilhar da própria imposição de critérios de auto avaliação das pessoas em termos economicistas, fiscais. Digamos assim, usando uma expressão popular: a coisa pega mais no fundo das pessoas. Não é meramente consumir pacotes de turismo, pega mais no fundo, de tal forma que as próprias pessoas se transformam no mundo do trabalho. Adorno (1993, p. 201) tem um texto muito bonito sobre isso onde ele afirma que existe uma espécie de “composição orgânica das pessoas”, uma parte cada vez maior das pessoas é composta por aquela parte que é estritamente sujeita aos ditames da sociedade de produção, de consumo. De tal forma, que a pessoa se reconhece como fruindo uma situação que a rigor lhe é imposta. O falso lazer satisfaz e é por isso que ele existe, mas é uma falsa satisfação. É uma satisfação cujo objetivo é reproduzir a sujeição do sujeito à necessidade de se satisfazer falsamente e assim por diante. Enfim, eu acho que o texto mostra a contradição do lazer, mas não a aprofunda adequadamente.

Valquíria: Talvez porque ele seja funcionalista e fique restrito à essa lógica de que o trabalho é a doença e o lazer é o remédio...

Wolfgang: É. Essa lógica, por si só, já é uma tentativa de responder à questão colocada, por exemplo, por Max Weber, é na ética protestante e no espírito do capitalismo, que o trabalho é entendido como missão dos homens, que em si é bom, independente dos frutos que por seu intermédio são beneficiados aos homens. Os homens trabalham independentemente dos benefícios do trabalho. É uma verdadeira ética calvinista. Então, se procura enfrentar essa questão agora por um outro lado. Agora, esse trabalho que nos afasta dos benefícios é ruim e o lazer é que nos aproximaria deles; mas se mantém a mesma lógica, apenas invertendo os pontos.

Valquíria: Numa sociedade dividida em classes sociais distintas, você acha que o efeito da sociedade de consumo – e o lazer pensado, nesta lógica, como mercadoria – é igual para todas as classes? Como você comentaria essa questão?

Wolfgang: Essa é uma questão interessante. Num certo sentido, a função é a mesma porque significa uniformizar o mundo em que as pessoas vivem. Evidentemente,

o mundo é o mundo das classes dominantes, mas acaba sendo um só porque as classes dominadas vivem no mundo das classes dominantes. Não tenho a menor dúvida que a sociedade de consumo é uma forma social desse tipo de sociedade. Agora, eu vejo inclusive que há uma situação paradoxal. Marx disse, originalmente, que na medida em que as coisas não dessem certo na economia, surgiriam contradições e isso seria bom. Eu acho que hoje é possível pensar no contrário: na medida em que as coisas dão certo é que as coisas vão mal. Na medida em que as classes mais pobres têm acesso a bens de consumo, essa sociedade acaba se consolidando mais ainda e, por isso, eu diria que as coisas vão mal, porque a própria possibilidade de ver as contradições desaparece. Nesse sentido, os efeitos de um lazer meramente tributário da sociedade de consumo sobre as classes mais populares seria até mais danoso, porque amarraria mais ainda as pontas de uma sociedade cujas contradições são aparentes. Nós temos hoje, no mundo inteiro, um modelo de crescimento que é desastroso, que produz o desemprego estrutural e não consegue enfrentar a injustiça social, a iniquidade... Em grande parte, isso que é uma contradição aparente, se esconde por trás do acesso das camadas mais favorecidas a certos benefícios, inclusive do lazer popular. A televisão é um lazer popular, eu vou para casa descansar, assistir a um programa, eu não preciso pensar em nada porque pensam por mim. Então, é um lenitivo. Nesse sentido, o efeito é até mais perverso, talvez... São questões complicadas. Mas nós estamos tão imersos na sociedade do trabalho durante o tempo em que nós aparentemente não trabalhamos, que é necessário tomar consciência disso. Nós achamos que as coisas vão bem mas, na verdade, vão mal. Esse "ir bem" significa apenas apagar problemas, criar ilusão, levar um pouco mais à frente uma situação em que os problemas não são resolvidos.

Valquíria: Você gostaria de comentar mais alguma coisa sobre tudo isso que nós conversamos? Teria algo a acrescentar, para terminar?

Wolfgang: Esta é uma questão muito importante para se discutir, porque ela tem a ver com um assunto primordial para as pessoas e em relação ao qual as pessoas não têm uma opinião escudada numa reflexão. Elas respondem de uma maneira imediata e simples do tipo "todo lazer é bom e todo trabalho é ruim". Isso já é um motivo para nós valorizarmos toda essa discussão. Agora, em segundo lugar, eu queria dizer que eu acho que essa questão é fundamental porque envolve um tema pouco tratado também fora do plano do lazer, que é essa onipresença do tempo de trabalho na vida das pessoas. Isso tem a ver com a inserção das pessoas no seu cotidiano. Talvez a gente pudesse exemplificar um pouco o que eu entendo por isso, pelo critério fiscal. Essa questão penetra profundamente a nossa vida formativa. No caso da universidade, por exemplo. O estudante passa na universidade fazendo continhas de créditos que lhe faltam, de desempenhos que ele tem que ter em diversas disciplinas e, ao fazer isso, ele já está absorvendo

voluntariamente os critérios do tempo de trabalho, os critérios fiscais, e a experiência formativa em termos de uma esfera pública como é a universidade, potencialmente passa por âmbitos em que o tempo não é só o tempo de trabalho, mas poderia ser o tempo daquilo que eu chamo da fruição da vida, de outras experiências formativas, de discussão de trabalho coletivo, de relação do próprio ambiente formativo da universidade com a sociedade, de experiências em atividades completamente fora das atividades estritas do interesse formativo do estudante. Toda essa gama de atividades fica relegada a segundo plano porque há uma absorção de todos os interesses por essa finalidade estrita de uma formação já quantificada. Aqui nós temos um exemplo de como no nosso próprio cotidiano os critérios do tempo de trabalho são dominantes. É muito difícil escapar disso. Não vamos esquecer que uma grande parte dos critérios do tempo de trabalho são inventados, não precisariam existir... São critérios que existem para acumular, para manter uma certa sociedade num certo padrão; mas que tem a ver com necessidades cuja falsidade muitas vezes salta aos olhos. No limite, essas necessidades que são satisfeitas pelo mundo do tempo do trabalho são tais que elas se chocam com a própria sobrevivência real da vida. Existe um economista que criou um conceito muito interessante que se chama de "bens de consumo oligárquico"⁵, ou seja, os bens de consumo que são essencialmente um consumo seletivo que não é universalizável. Imaginemos, por exemplo, que todos os habitantes do mundo tivessem um automóvel. Isso seria impossível, pois não haveria mais oxigênio. Por aí você vê como as necessidades têm a ver com uma sociedade que os homens mesmos produziram, cujas necessidades eles mesmos produziram; e depois eles foram escravizados pelas necessidades que eles mesmos produziram. E o tempo de trabalho é uma consequência disso, a nossa subordinação ao tempo de trabalho é uma criação dos homens. E aí a gente poderia retomar então essa questão da necessidade de nós pensarmos as possibilidades de uma visão alternativa em que nós escapemos dessa civilização estritamente baseada nessa sociedade que, quem sabe, seja organizada em termos de um Estado, de um Governo para o qual o Ministério mais importante não seja o da Fazenda, mas o da Educação, ou da Cultura... ou do Lazer...

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.W. *Minima Moralia*. São Paulo: Ática, 1993.

ALTUATER, Elmar. *O preço da liberdade*. São Paulo: edunssp, 1995. p.28

CAMARGO, L.O.L. *O que é lazer*. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos).

⁵ "bem oligárquico" é conceito desenvolvido pelo economista alemão F. Hirsch. A questão é citada em ALTUATER, (1995).

FURTADO, Celso. Não se faz política sem ideologia. Revista desafios do desenvolvimento. *IPEA*. Brasília, ano 1, n.3, out, p.28-31, 2004.

MARX, Karl. *Grundrisse: Foundations of the Critique of Political Economy*. London: Penguin Classics Books, 1973.

SCHWARTZ, Roberto. *Seqüências Brasileiras*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

Endereço da autora:

Valquíria Padilha
Rua Rheda Wietenbruck, 181
Residencial Samambaia - São Carlos - SP
CEP.: 13565-550
E-mail: valpadilha@terra.com.br

Recebido em: 20/02/2005

Accito em: 10/04/2005